

## **Sete anos depois do "Meio Desligado", o Kid Abelha lança o seu "Acústico MTV"**

"É um projeto pra quem pode", sentencia Paula Toller ao falar do novo trabalho da banda que ela lidera há 20 anos, o Kid Abelha. É que eles estão lançando agora o pacote (programa, CD e DVD) "Acústico MTV", projeto pra lá de consagrado pelo público brasileiro, recordista habitual de vendas.

Do outro lado desta moeda, costuma-se questionar possíveis crises criativas ou comerciais nos artistas envolvidos nesse tipo de projeto de revisão de sucessos. Paula se defende: "A crise é da música gravada, não da música em si. Porque a gente faz shows e eles estão cheios sempre".

Escolheram o repertório a ser regravado com a ajuda de uma pesquisa no site da banda. As músicas mais votadas pelos fãs entraram: "Grande Hotel", "Como Eu Quero" e "Eu Tive Um Sonho", explica a vocalista. Ela jura que nada do que se ouve no produto final passou por retoques em estúdio: "A gente ensaiou oito horas por dia, durante 20 dias. Ralou muito justamente pra poder chegar nos dois dias de gravação e valer tudo".

Olhando para trás, motivada pela comemoração dos 20 anos de carreira de sua banda marcados com esse trabalho, Paula lembra do começo de tudo: "Éramos muito mais amadores, as coisas não eram como hoje em dia. Não pensávamos em ser profissionais, não conhecíamos ninguém em gravadora. Aprendemos tudo fazendo, tanto que ajudamos a criar esse mercado que há hoje".

**O Kid Abelha já tinha gravado "Meio Desligado" em 1995. Este "Acústico MTV" pode ser considerado um segundo acústico, não?**

**Paula:** O "Meio Desligado" é um disco fechando a tampa de uma primeira fase dos anos 80. E esse novo é um disco do século 21, de comemoração dos 20 anos do Kid Abelha. E isso não é pouca coisa, todo mundo sabe que no Brasil é difícil. E a gente tem uma história de nunca ter parado. Esse projeto é top de linha, que tem aí Rita Lee, Roberto Carlos, Jorge Benjor, Paralamas, um monte de artistas que a gente adora. É um projeto pra quem pode. Mas, na hora de fazer, a gente pensou: queremos um disco que seja atual, que tenha sucessos dos anos 80, dos anos 90 e músicas novas. Ou seja: coisas que a gente ainda pretende fazer, apontando o caminho, produções novas.

**Ainda assim, fazer outro disco no mesmo formato não soa fome indiscriminada de sucesso?**

**Paula:** Será que isso não é uma resistência do Brasil ao sucesso? Você vê os americanos, como tratam o produto deles, sejam artisticamente sofisticados ou apenas comerciais. Eles valorizam isso e vendem essa valorização pro mundo inteiro, inclusive pro Brasil. Mas o Brasil é muito besta, gosta de dizer: "Ah, isso só quer vender, isso é comercial", como se fosse um defeito.

**George:** Por parte do público, a gente sente o contrário. Esse último ano foi uma cobrança: "Quando é que é o acústico de vocês?". Isso porque já se espera, pra uma banda grande que tá aí há muito tempo, que faça um "Acústico MTV". É um formato vitorioso, sim. Mas pra gente é muito favorável. Não é só a gente que gosta do formato, o formato também gosta da gente. Fazemos canções e, quando a gente as passa pro formato acústico, isso valoriza muito a interpretação da Paula e despe a canção da sonoridade de um ano específico.

**Esses projetos de regravações não acabam poluindo a discografia de uma banda?**

**Paula:** Temos uma enorme quantidade de sucessos. Quando a gente chega num programa de televisão querendo mostrar música nova, eles querem que a gente toque os sucessos. Porque senão a audiência vai descer um ponto e não sei quantos por cento vão trocar de canal e não sei o quê. Então a gente tem que negociar: toca uma nova e uma antiga. E isso acontece também na hora de gravar um disco. Temos feito isso desde 1995, alternando um trabalho de inéditas com um de projeto. Já teve o "Meio Desligado" que era acústico, já teve um de remix, teve o "Coleção"... Isso pra gente se manter na mídia e se diverti um pouco - porque esses projetos são mais lúdicos que um disco todo inédito - e continua podendo gravar sempre. E ter tempo pra respirar, pra produzir, escrever e gravar nosso disco de carreira, que é ele quem faz que o mundo gire. São os discos com músicas inéditas que fazem com que você tenha regravações pra fazer um dia (risos).

**A gravadora opina sobre quais músicas seriam mais convenientes num disco desses?**

**Paula:** A gente sempre teve total liberdade de repertório, tanto aqui na Universal quanto antes, na Warner.

**"Brasil" já teve gravações extremamente marcantes, definitivas até. O que motivou o Kid fazer a sua?**

**Paula:** "Brasil" é uma das músicas dos nossos compositores que a gente nunca tinha gravado, ela é do George e do Nilo Romero, que também já foi produtor do Kid. E do Cazuzza, claro. E acho que é um momento bom, de reflexão e mudança no Brasil, voltar com essa música é importante. Ela continua valendo.

**"Quero te Encontrar" é uma homenagem?**

**Paula:** Não, escolhemos antes do Claudinho morrer. A gente gostava da música, achava que combinava com a gente. Seria uma coisa no estilo do "Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda". Músicas que a gente gostaria de ter feito e sabe que poderia valorizar de uma outra forma, mais melódica, mais cantada, mesmo.

**A letra de "Meu Vício Agora" flagra uma crise existencial, uma revisão de posturas. Isso está mesmo acontecendo com vocês?**

**Paula:** Não é autobiográfico nem totalmente inventado. É um sentimento meio amargo, meio deprê, principalmente do ano de 2001, que foi um ano bem difícil. Pra mim pessoalmente e pra música, e ainda culminou com esse negócio de 11 de setembro. Essa foi uma maneira simbólica que eu achei pra expressar esse desconforto com o mundo, com a vida. De repente, sentir que você levou uma rasteira.

**"Gilmarley Song", outra canção nova, também se refere ao 11 de setembro, não? Fala de bombas, aviões, tragédias...**

**Paula:** Essa fala de música e de paz, um recado a favor da música. É mais uma música antimegalomaniaca que qualquer outra coisa. A gente foi ver o "Kaya N'Gan Daya", esse show do Gil, e foi muito emocionante. Isso é que é a fonte da juventude, é a

música, é aquele cara que tem 60 anos e parece um menino, feliz pra caramba. Depois pensei nesse nome híbrido, Gilmarley, que parece esses nomes comuns no Rio de Janeiro, tipo Leovegildo, ou sei lá. Achei bacana, aí fui rápida na letra. A gente fez um arranjo meio MPB pra ela, eu acho. Estamos há um passo da MPB (risos).

**Vocês, 20 anos mais velhos hoje, falam para um público que tem mais ou menos a mesma faixa etária daquele primeiro público do Kid Abelha. Na hora de compor, há preocupação com esse foco?**

**Paula:** Eu não falo de idade, nunca fiz música pra idade, não penso nesse tipo de coisa. Faço o que tenho inspiração, seja sobre assunto pessoal ou assunto filosófico. A poesia fala mais alto, não tem esse planejamento. O que me inspira eu boto. Pode ser uma música sobre aquele móvel ali: se eu achar aquilo emocionante de alguma forma.

**Quando você compõe com George, você faz uma letra e entrega para ele musicar?**

**Paula:** Isso.

**Isso não coloca o poder todo nas suas mãos? Afinal, a letra acaba determinando o rumo que a canção deve tomar, não?**

**Paula:** Não, ela indica alguma coisa. Porque o tema tratado pede algo mais agitado ou mais lento. Mas eu quase sempre me surpreendo com o que o George traz de volta, porque não é uma poesia pra ser recitada, é uma letra pra ser cantada. Quando você bota a música, aquilo se transforma em outra coisa. Eu também fico esperando o que ele achou e o que ele fez. A gente se encontra e vai ajustando uma coisa na outra, eu mudo a letra até a hora de gravar pra valer.

**Não acontece de ele fazer algo muito diferente do que você imaginava e ter que mudar tudo?**

**Paula:** Acontece, como acontece também dele pedir pra eu cortar um pedaço porque não encaixou ou ficou longo. O importante é que ela fique boa no final.

**De quem veio a ideia insuspeitada de convidar Lenine?**

**Paula:** Ele não é o convidado óbvio do Kid Abelha, então seria uma surpresa o resultado. Foi ótimo porque a gente conheceu um cara super talentoso e se divertiu muito no ensaio. O Hyldon [autor da canção "Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda", que Lenine divide com o Kid no "Acústico"] adorou! Mandou um telegrama lindo dizendo isso.

#### **E o Edgard Scandurra...**

**Paula:** Edgard é de uma banda irmã nossa de geração. Teoricamente, o Kid Abelha e o Ira! podem parecer não ter nada a ver, talvez pela postura. Mas têm. A música consegue isso. Ele tocou "Como Eu Quero" e a gente ficou chocado: como ficou legal a voz dele naquilo. Tanto que acrescentamos, meio de improviso, uma segunda música, "Mudança de Comportamento". Foi uma coisa no ensaio, na véspera da gravação. A gente ficou levando essa música enquanto esperava e ficou tão bonito, não teve como não entrar. Foi pouco ensaiada, então ficou simples.

**George:** Aliás, essa música acabou trazendo uma coisa que a gente queria fazer, mas é impossível de ensaiar, que é a história dos primeiros "Acústicos", com coisas menos programadas, menos preparadas. Quando você tá há cinco meses ensaiando, fica difícil fingir que não ensaiou. Essa faixa com Edgard traz a emoção crua do momento.

#### **Houve outros tipos de improviso durante as gravações: imitação do "Baba Baby" da Kelly Key, música do Roberto Carlos... Isso tudo entra no DVD?**

**Paula:** São brincadeiras, coisas de intervalo. Não sei se entram, depende de autorização, a gente tá esperando. Do Roberto a gente sempre teve autorização pra tudo, sempre foi super contemplado. Ele não só autoriza como já escreveu uma vez um bilhete bonitinho.

#### **Falando em Kelly Key, o quê o Kid Abelha sente em relação ao POP de 2002 e aos artistas que têm aparecido nesse cenário?**

**Paula:** Esses fenômenos todos são coisas aparentemente não tão bem feitas, mas que têm alguma graça. São sempre coisas que causam um certo estranhamento e acho que isso tem a ver com o estranhamento que a gente causou no começo, também. Eu acho que o POP, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, tá muito certinho demais, tá muito bem-feito, muito de plástico. Não tem invenção ali. E, às vezes, você vê coisas que têm um

pouco de defeito - como o funk, que era tosco - mas que existe uma coisa ali, ninguém cantava desse jeito antes. E claro que pode haver alguma evolução dentro daquilo, é a abertura de um caminho novo pra trilhar. Isso é mais interessante que o negócio todo certinho, todo bonitinho, mas que é gravado por um monte de caras velhos, tudo o mesmo som.

**Você está dizendo que o Kid Abelha sofria há 20 anos o mesmo preconceito que sofre hoje a Kelly Key?**

**Paula:** Havia pessoas como Caetano e uns caras de São Paulo que falavam e gostavam do Kid. E havia os que falavam: não é o que eu gosto, então é uma porcaria. Era muito uma coisa de turma, você tinha que ser igual àquela pessoa pra ela gostar de você. Se você chega já fazendo sucesso, as pessoas desconfiam: será que isso é uma armação?

**George:** E eu acho que isso continua um pouco. A música POP é sempre associada com armação. Demora um tempo pra que as pessoas enxerguem as coisas por trás daquilo. Mas pra gente, POP é uma liberdade de não ter que estar ligado a um ritmo ou a uma tribo específica. É mais um termo musical, uma sonoridade. Antes era um palavrão mas, de um tempo pra cá, mais bandas estão se assumindo mais POP, como Titãs, Paralamas, Barão. Nesse ponto o Kid não deu nenhuma guinada. A gente sempre foi isso. Estamos ocupando basicamente o mesmo espaço desde o começo.

**Existe a possibilidade ou alguma previsão para um segundo disco solo seu, Paula?**

**Paula:** Não tenho plano ainda não.